

“Preocupação com câmbio é exagerada”

— Mas então o quê falta para controlarmos o problema fiscal?

— A sociedade brasileira precisa definir quanto vai gastar e onde. Enquanto isso não acontecer, a política monetária é a única arma do governo contra a inflação. E a única arma que a política monetária tem são esses juros elevados. Podemos até discutir se não poderiam ser mais baixos. Mas são detalhes. O problema é que o governo é um grande tomador de poupança. E aí fica difícil mesmo para o setor privado concorrer.

— E o câmbio? Não é outro instrumento importantíssimo hoje?

— Não vejo uma dependência tão grande do câmbio, porque não temos tanta ligação com o exterior. Acho que é difícil dizer se o real está valorizado. Há um ano e meio o iene se desvalorizou quase 40% em relação ao dólar. Mas estou falando dos Estados Unidos e Japão, que são grandes parceiros co-

merciais, sem crise. Não sei porque há aqui tanta gente desesperada com o déficit comercial. Ficam acompanhando o câmbio dia a dia. Parece-me uma política errada. Se o lado fiscal fosse resolvido e os juros caíssem, o real se desvalorizaria um pouco.

— Boa parte da culpa pelo déficit fiscal não é do governo?

— Estou falando mesmo dos políticos, do governo. A equipe econômica sabe muito bem o que deve fazer, mas até agora, a implementação é incompleta.

— Serão precisos mais quatro anos então? Como o senhor vê a reeleição?

— Estou um pouco distante desse debate. Li um artigo interessante do André Lara Resende traçando um paralelo sobre o Brasil e a Argentina depois da reeleição. As reformas não ficaram mais fáceis lá depois das eleições. Mas não quero dizer que sou contra ou a favor da reeleição, que só não pode ser vista

como remédio para tudo.

— Como o senhor vê a privatização? Todas as empresas estatais devem ser vendidas?

— Todas. Porque não vendem o Banespa? Tem que ser vendidos todos os bancos estaduais. A venda do Banerj já está mais adiantada. Enquanto existirem essas instituições, os governos acharão um jeito de transformá-los em minibancos centrais. Devemos vender também, além da Vale e da Eletrobrás, o Banco do Brasil, a Caixa Econômica, a Petrobrás e tudo mais. Fomos os únicos talvez do mundo que tivemos uma estatal no setor de informática. Adiantou algo?

— Mas o senhor acha que estamos no caminho certo?

— Estou otimista. O Brasil fez reformas importantes. Foram tirados alguns esqueletos do armário, como o rombo do Banco do Brasil, mas não podemos

criar novos esqueletos. O jeito de garantir é privatizar.

— Na sua palestra desta sexta-feira o senhor fará uma análise sobre o longo prazo. Como será?

— Preocupo-me com alguns indicadores. Depois da reforma fiscal teremos problemas graves pela frente, como mortalidade infantil, baixa escolaridade, baixo uso de tecnologia. Temos poucas crianças na escola primária. Menos ainda no secundário. As pessoas na faixa de 25 anos têm nível de escolaridade médio de apenas quatro anos. Na Coréia é de oito e na Argentina e Chile de sete anos. Isso tudo vai explodir logo na frente. Precisamos investir mais em educação, pensar no lado social. Não devemos ficar zangados porque as pessoas lá fora se assustam com a mortalidade infantil. Devemos lutar contra isso.